



Biograph



NARRATIVIZAÇÃO DA VIDA INFANTIL *RIBEIRINHAAMAZÔNIDA*

Edilma de Souza. Universidade do Estado do Mato Grosso.
edilmasz84@gmail.com;

Maritza Maciel Castrillon Maldonado. Universidade do Estado do Mato Grosso.
maritzacmaldonado@gmail.com

Introdução

[...] Vou nascendo de meu vazio. Só *narro* meus nascimentos.

Sou trinado por lírio como os brejos. Eu tenho
pretensões pra tordo. É nos loucos que grassam
luarais. Sei muitas coisas das cousas. *Hai muitas importâncias
sem ciência*. Sei que os rios influem na plumagem
das aves. Que vespas de conas frondosas produzem
mel azulado. E as casas com *rio* nos fundos
adquirem gosto de *infância*.

(*BARROS, 2010, p. 225, grifos nosso*)

Vamos, nós, nos encontramos com uma comunidade de ribeirinhos (as) que vive num local muito distante, *nascendo de nosso vazio*. A cada novo encontro, novos afetos, novos começos. Narrar esses *nascimentos* é ao que nos propomos neste artigo. Acreditamos que narrar nossos encontros com o movimento de uma comunidade singular, intensa e múltipla poderá oportunizar pensar que há *muitas importâncias sem ciências*, que precisam ser

visibilizadas para que a visão hegemônica de criança, infância seja, no mínimo, problematizada.

Em nossa pesquisa, assumimos o compromisso em narrar “práticas comuns”, as “artes de fazer” dos *praticantespensantes*¹, suas operações astuciosas e clandestinas pouco observadas no mundo tomado pelo capitalismo, pois aprendemos com Certeau a importância de narrar as práticas comuns do dia a dia, a “introduzir as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde as narrações vão abrindo caminho” (CERTEAU, 1998, p. 35).

Assim, trazemos para esta discussão o que diz Certeau (1998, p. 38),

Este trabalho tem, portanto por objetivo, explicitar as combinatórias de operações que compõem também (sem ser exclusivamente) uma cultura, e exumar os modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde, sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados (o que não quer dizer passivos ou dóceis).

Por isso, voltamos nossa atenção às crianças “ordinárias”, as crianças que inventam o “cotidiano com mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 1998, p. 38), escapando silenciosamente a essa conformação estabelecida pelos discursos hegemônicos que se enunciam sobre elas. As infâncias que potencializamos neste texto, se atualizam naquilo que Certeau (1998) chama de “*artes de fazer*”, “*astúcias sutis*”, “*táticas de resistência*” que vão alterando os objetos, os códigos e estabelecendo uma apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um. O autor acredita nas possibilidades de uma multidão anônima abrir o próprio caminho no uso dos produtos impostos pelas políticas culturais, numa liberdade em que cada um procura viver, do melhor modo possível, a ordem social e a violência das coisas². Este é o deslocamento proposto pelas pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos, que se ocupam das “Artes de Fazer” dos *praticantespensantes*, na busca da compreensão de suas regras próprias e de seu desenvolvimento (CERTEAU, 1998, p. 142).

¹ O modo de escrever estes termos juntos e grafados em itálico – tais como os termos *ribeirinhasamazônidas*, *espaçotempo*, *praticantespensantes*, entre outros – é utilizado em pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos e serve para nos indicar que, embora o modo dicotomizado de criar conhecimentos na sociedade Moderna seja, ainda hoje, hegemônico, tem significado limites ao desenvolvimento de pesquisas nessa corrente de pensamento.

² Notas na contracapa do livro de Michel de Certeau. A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer.

As narrativas das experiências *socioculturais* das crianças *ribeirinhasamazônidas* se contrapõe, como nos diz Certeau (1998), as ‘Maneiras de Fazer’ impostas pela ordem dominante, à medida em que, em seu espaço vivido, fazem intercessões com as árvores, com o rio, com os *saberesfazeres* da comunidade. As crianças da floresta carregam em si as ‘Artes de Fazer’ *nos/com* os cotidianos que pulsam suas vidas. Seguem no dia a dia produzindo bricolagem naquilo que a cultura dominante impõe, transfiguram a lei, numa atividade de formigas repleta de nuances a serem apreciadas e vão aprendendo nos agenciamentos e nos encontros, os *saberesfazeres* dos cotidianos que são vividos por todos os *praticantespensantes* daquele *espaçotempo*.

Trilhas metodológicas

Para desenvolver esta pesquisa, apostamos nos Estudos dos Cotidianos propostos por Alves (2015, p. 140), no sentido de pensar como “os *praticantespensantes*³ dos cotidianos tecem conhecimentos, sem as categorias, os conceitos, as noções e as ideias prévias aos quais estamos acostumados”. Partindo desse pensamento, vimos buscando a criatividade das pessoas ordinárias, conforme a descreveu Giard (CERTEAU, 1998, p. 13), ao apresentar a obra de Certeau: “Uma criatividade que se esconde num emaranhado de astúcias silenciosas e sutis, eficazes, pelas quais cada um inventa para si mesmo uma ‘maneira própria’ de caminhar pela floresta dos produtos impostos”.

Para perceber esse emaranhado de astúcias silenciosas e sutis, que inventam maneiras de caminhar, nos inspiramos nas pesquisas dos cotidianos que, segundo Alves (2015), buscam outras fontes de conhecimento na tessitura de *saberesfazeres* de experiências humanas e coletivas. Assim, foi nosso desejo, vivenciar o *espaçotempo* que envolve os *praticantespensantes* do cotidiano que habitam numa comunidade ribeirinha localizada em uma Unidade de Conservação (UC⁴) denominada Reserva Extrativista

³ Segundo Alves (2015, p. 56), “o termo pretende deixar claro que os praticantes das escolas a que nos referimos em nossas pesquisas, a partir de Certeau (1994) em sua *Invenção do Cotidiano*, precisam ser compreendidos como produtores de conhecimentos e significações e não na perspectiva praticista de compreensão que separa quem faz de quem pensa”.

⁴ UC – Unidades de Conservação são espaços de preservação ambiental que envolvem tanto o espaço territorial quanto os recursos naturais neles encontrados. De acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), a criação de unidades de conservação cumpre os seguintes objetivos: a) Contribuir com a manutenção, preservação e restauração da diversidade biológica dos ecossistemas naturais e dos recursos genéticos; b) promover o desenvolvimento sustentável a partir dos recursos naturais, com a

Guariba-Roosevelt (RESEX⁵ Guariba-Roosevelt) no Estado do Mato Grosso. O *espaçotempo* da pesquisa foi a comunidade São Lourenço que habita, há mais de um século, as margens de um rio nominado Guariba e situa-se dentro dos limites geográficos da Amazônia Legal.

A pesquisa propôs-se a olhar por entre a fenda de um *espaçotempo* singular e plural que constituem subjetividades infantis *ribeirinhasamazônidas* nos instigando “ver a criança ribeirinha como uma experiência que resiste ao saber e ao poder, uma experiência ímpar que, no seu limite, talvez, possa produzir algo novo, que seja diferente do sujeito individual requerido pelo projeto moderno” (MALDONADO, 2009, p.10).

Assim, o encontro com a infância ribeirinha possibilitou a aproximação com o desconhecido, não no sentido de se apropriar de seus corpos na intenção de descrevê-los, constituí-los, subjetivá-los à nossa vontade de poder. Exigiu de nós a difícil expropriação de nossas verdades para nos colocar à escuta de uma vida singular que cada criança traz consigo. Portanto, talvez seja correto o que diz Peter Handke... “Nada daquilo que está, constantemente, citando a infância é verdade; só o é aquilo que, reencontrando-a, conta” (apud LARROSA, 2000, p. 197).

A pesquisa percorreu travessias inspiradas nos trabalhos de Certeau (1996, 1998), Deleuze e Guattari (1995, 1996, 1997), Alves (2009, 2015), Maldonado (2009), criando encontros, desencontros, reencontros rizomáticos. Um fio puxando o outro, e como dizia Deleuze (1992), *cada um, como um todo já é muito... sempre se trabalha em vários*. Deste modo, acompanhamos os percursos, as conexões de redes e rizomas com as ‘Artes de Fazer’ cotidianas das crianças *ribeirinhasamazônidas*. Para tanto, fizemos uso da cartografia sugerida pelos filósofos Deleuze e Guattari (1995). A cartografia surge como princípio de rizoma com múltiplas entradas, é como mapa móvel, numa rede de conexões de sentidos e experiências⁶. Nas palavras dos autores,

utilização de princípios e práticas de conservação da natureza; c) proteger os recursos naturais necessários a subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente.

⁵ Abreviação de Reserva Extrativista

⁶ Larrosa (2015, p. 18), destaca que “experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, o que nos toca. (...) A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

Faça rizoma, não faça raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha e nunca um ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. Nuca suscite um General em você! Faça mapas (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 35-36).

Os *praticantespensantes* do cotidiano da pesquisa foram às crianças ribeirinhas de seis a dez anos que habitam em um *espaçotempo* localizado *entre* uma Reserva Extrativista de ribeirinhos no seio da floresta amazônica mato grossense. As narrativas compostas para este texto são resultados do acompanhamento dos fluxos de redes de conversações tecidas com os *praticantespensantes* do cotidiano ribeirinho ao longo dos anos de 2014 e 2015, em *encontrosconversas*, observação participante e compartilhamento de vivências. Utilizamos, como instrumentos da pesquisa, do Diário de Campo, além de fotografias e gravações. Com isso a pesquisa cartográfica oportunizou um movimento contínuo de afetar e ser afetado, de conhecer, vivenciar e habitar experiências com os *praticantespensantes* na tessitura das narrativas que compõe a pesquisa.

Narratividades infantis ribeirinhasamazônidas

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina.

(BARROS, 2010, p. 24)

Assim que chegamos à comunidade tradicional de ribeirinhos as crianças foram nos receber, demonstravam alegria com nossa chegada. Logo que nos apresentamos, as crianças Lívia, Ana e Bill⁷, levaram-nos para conhecer a “beira”⁸ do rio, que tanto estavam ansiosos para mostrar.

⁷⁷ Os nomes de pessoas citados no texto são todos fictícios.

⁸ Expressão utilizada pelos ribeirinhos dando sentido às margens do rio. Fonte: Diário de campo da pesquisa.

Bill: Professora, bóra conhecer a beira?

E fomos conhecer a beira, chegando lá,

Livia: Professora essa é a beira do rio, é aqui que a gente toma banho todos os dias, brincamos e a mamãe lava roupa. A gente gosta muito depois da aula vir aqui brincar no rio. O nome desse rio é Guariba, dizem que tem esse nome, porque nessas matas tem muito macaco Guariba. Não sei se é verdade, mas já vi um bocado deles. O macaco Guariba tem o pelo vermeio e sempre foge quando vê a gente. Aqui na beira tem muito piun, você conhece o mosquito piun? Esse mosquito só aparece na época que o rio tá cheio, igual agora, e fica incomodando a gente. Na época da seca é mais bom, o mosquito some, e a gente pode brincar sossegado na beira do rio.

Ana: Professora na época da seca a gente desce o rio rumo o Amazonas. O rio baixa as águas e fica cheio de praias. A gente vai acampar com a mamãe e o papai, daí a gente pesca e assa peixe nas praias. Eu gosto muito de pescar. Uma vez professora a gente foi pescar. Tava na época da cheia. Minha mãe falou pra não descer o rio, era pra gente subir. Mas a gente queria ir no poção. Então, a gente pegamos a canoa, eu, a Livia e a Tauana, e descemos o rio remando. A gente foi pescando de caniço. Quando chegamos perto do poção, já tinha pegado um bocado de peixe, a canoa alagou, quase caímos numa cachoeira. Sorte que a gente pulou da canoa e tiramos água da canoa muito rápido, mas perdemos tudo os peixes que tinha pescado. Mas, nosso medo era dos jacarés, porque nesse rio tem muito jacaré pra todo lado.

Bill: É professora, aqui na colocação, a gente pesca todo dia. Todos os dias alguém é escolhido pra pesca. Mamãe logo cedo grita: Hoje quem vai pescar? Eu sempre quero ir, mas papai não deixa ir com as meninas, só quando ele vai, às vezes ele me leva. Papai tem medo do barco alagá comigo dentro. Mas eu sei nadar. Também sei pescar de linhada e de caniço⁹.

Todos empolgados mostravam a beira do rio e contavam algumas das experiências cotidianas de suas vidas infantis. Referimos às experiências no sentido benjaminiano,

⁹ Expressão que ouvimos pela primeira vez entre os ribeirinhos da comunidade São Lourenço, segundo eles, significa vara de pescar. Fonte: Diário de campo da pesquisa.

enquanto *Erfahrung*¹⁰, a produção da experiência coletiva. Assim, nos encontros com as crianças *ribeirinhasamazônidas*, encontramos a possibilidade de contar a história de seus devires. Para Deleuze e Guattari (1997a, p. 76),

O devir é limiar que provoca outros devires que nunca tomam forma acabada, pois eles próprios são um desmanchamento de formas, dependentes das alianças e agenciamentos que os desencadeiam. [...] Devires abrem portas, estão sempre entre, numa zona de indiscernibilidade, constituindo como que uma vibração. Assim, devires sempre tiram do lugar “confortável habitado por identidades e formas bem contornadas. [...] Devires são fluxos que podem contagiar ou não, mas que, sobretudo, arrancam das identidades maiores, dos metros-padrão. O devir é sempre minoritário.

Deste modo as forças intensivas que atravessam os corpos infantis podem desencadear possibilidades criadoras de outros modos de pensar e viver o mundo, distintos daqueles que nossos discursos performativos se enunciam sobre a infância.

O mundo em que a criança vive suas relações com o outro é um claro-escuro de verdade e engano. Neste mundo a verdade não é dada, não está acabada, impressa de forma imutável na consciência humana; a verdade é algo que se faz constantemente nas relações sociais e por meio delas. (JOBIM & SOUZA, 1994, p. 154).

Pensar um mundo em que claro e escuro, verdade e engano se misturam, aponta para um desvio que forja a captura de um mundo padronizado. Ver o mundo em desvio que se constitui mutuamente e não pré-fixado, nos proporciona ver a multiplicidade que ali existe. Assim, presenciar os ritmos de vidas singulares muda o jeito de ver/pensar/conviver de quem se aventura a novos caminhos, contrapondo-se aos processos maquínicos do mundo capitalístico que segundo Guattari e Rolnik (1996, p. 16), “produz indivíduos normalizados,

¹⁰ Maldonado (2009, p.23) diz: trazer uma teoria da *Experiência*, no sentido forte do termo, a *Erfahrung*, que se traduz como uma história viva e coletiva.

articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão”.

A vida vivida das crianças *ribeirinhasamazônidas* envolve modos de subjetivação¹¹ singulares, uma vez que através de agenciamentos com o meio, interage com as redes de convivência que as interpela e engendra novos modos de ver/viver/sentir a vida vivida. Em outras palavras o que a criança ribeirinha faz é inventar uma nova percepção de mundo. A essa outra maneira de encontrar com o mundo Guattari e Rolnik dão o nome de singularização, ou seja,

Uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com gosto de viver; com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos. (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 17).

Desta maneira, as crianças *ribeirinhasamazônidas* constituem sua subjetividade instituindo a sua singularidade através da expressão e da criação de sua maneira de sentir a vida.

Como na narrativa de Antônio (oito anos) que apresentamos a seguir,

Antônio: Professoras deixa eu ti contar uma história, posso?

Professoras: Pode Antonio.

Antônio: Uma vez minha mãe foi na roça cortar cana, e lá encontrou uma cobra jibóia, dessa grossurona assim (fez gestos com as mãos de grande). Diz que ela tava só olhando pra mamãe. Daí mamãe foi chegando perto pra ver se era mesmo uma cobra, e quando

¹¹ Maldonado (2009, p. 47), utilizando-se da análise do conceito de subjetivação cunhado por Deleuze (1992) diz que “a subjetivação se refere às diversas maneiras pelas quais os indivíduos, ou as coletividades, se constituem como sujeitos: tais processos só valem à medida que, quando acontecem, escapam tanto aos saberes constituídos como aos poderes dominantes”.

mamãe olhou de novo diz que a cobra vinha, tan...tan...tan.... pro lado dela. Tava com o olho arregalado tentando encantar a mamãe.

Professoras: *E daí o que aconteceu com sua mãe?*

Antônio: *Daí a mamãe desviava o olhar da cobra, mas onde a mamãe ia a cobra ia atrás dela com o olho arregalado pra encantar a mamãe. Porque mamãe contou que se a cobra encontrar a gente no meio da mata sozinho a gente encanta rapidinho de cobra.*

Professoras: *E conseguiu encantar sua mãe?*

Antônio: *Daí minha mãe chamou meu padrasto, ele veio e atirou na cabeça da cobra, chegou torar a cabeça dela, ficou só o bagaço. Ele matou a cobra e a trouxeram pra gente ver. A cobra era enorme. Por isso professora, se a senhora precisar ir no mato, me chama pra ir com você, não vai sozinho. Senão você vai encantá de cobra.*

Professoras: *E o que acontece se a cobra encantar uma pessoa?*

Antônio: *Daí professora já era, a cobra engoli a pessoa.*

A narrativa de Antonio, mostra que podemos aguçar a sensibilidade ao modo de olhar o mundo que nos envolve e “desver o mundo para encontrar nas palavras novas coisas de ver” (BARROS, 2010, p. 449). O cotidiano vivenciado por Antonio nos mostra um mundo cheio de pegadas e peripécias infantis de uma *Outra* infância. A experiência narrada é uma amostra de que podemos “desver” o mundo que foi construído pelo modelo do capital e que é possível incorporar nos cotidianos *saberes-fazeres*, conhecimentos e sentidos que são produzidos em redes de convivências por *praticantes-pensantes* “ordinários”. Como nos lembra Certeau, precisamos estar atentos e olhar com mais sensibilidade para as “astúcias sutis” praticadas por grupos ordinários. Podemos, também, olhar com mais sensibilidade as “táticas ordinárias” que fogem dos domínios do olhar panóptico, do poder vigilante que tem a função de regular, ordenar e controlar os modos de viver no mundo. A tática, segundo o autor, é a arte ordinária, que encontra nas falhas da vigilância da razão as maneiras de inventar o cotidiano (CERTEAU, 1998). A tática do Antônio traz o encantamento que a cobra pode produzir em nós se a encararmos. A arte de fazer de

Antônio nos diz que ele, que conhece as astúcias de viver na mata, está autorizado a proteger e livrar do perigo aqueles que não conhecem esse cotidiano.

As narrativas destas crianças compõem uma rede de indisciplina que escapa da nossa vontade de saber e poder sobre elas, pois, na inventividade da *infânciaribeirinha*, está a possibilidade do devir-criança, o devir das minorias, as linhas de fuga. As minorias, segundo Kohan (2004, s. p.), inspirado em Deleuze, trazem em si uma potência, não têm modelo a seguir, estão sempre em processo. Trata-se da “infância intensiva que saiu do seu lugar e foi situar em outro lugar, desconhecido, inusitado, inesperado”. Portanto, a infância das crianças *ribeirinhasamazônidas*, mostra-nos suas astúcias e constitui-se como uma das infâncias das minorias, fugindo da pretensão unificadora e totalizadora da verdade naturalizada sobre a infância. A partir de então, pensando sobre o dinamismo que encontramos nas crianças e suas infâncias, talvez, possamos parar para nos questionar: como nós, pesquisadores/as e professores/as que atuamos com as crianças, nos aproximamos de nossa condição infantil?

Artes de fazer de crianças ordinárias

As artes de fazer das crianças ribeirinhas que vivem na floresta amazônica, nos mostram suas experiências e as artes de viver a vida. Como na narrativa de Ana (nove anos),

Ana: Olha professora, um macaco cuxiú¹², viu?

Professoras: É estou vendo que é um macaco, só não sabia que o nome dele é esse (risos).

Ana: Professora, você já ouviu falar que antigamente os bichos falavam?

Professoras: Não sei, quem te disse isso?

Ana: Pois então, vovô contou que aqui os bichos falavam. Vou te contar uma história que aconteceu aqui, debaixo daquela mangueira. Uma vez o macaco da noite foi cortar o cabelo do macaco prego, daí ele cortou tudo imundo o cabelo do macaco prego. Aí o macaco prego ficou com raiva, e o macaco da noite sumiu no mundo. Daí, o macaco prego

¹² O termo cuxiú é a designação comum aos macacos pitecídeos do gênero *Chiropotes*. Tais animais têm hábitos diurnos e dieta frugívora, com duas espécies de origem amazônicas. Disponível em: [Http://pt.wikipedia.org/wiki/Chiropotes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Chiropotes); acesso em: 28/05/2015 às 15 h: 19 min.

ficava só atrás dele, mas não achava, porque o macaco prego anda só de dia. E o macaco da noite com muito medo do macaco prego passou a andá só de noite. Daí uma vez aconteceu uma coisa terrível aqui na comunidade. Tinha uma menina que brincava debaixo do pé de manga, umas seis horinhas, o macaco da noite apareceu e enforcou a menina. E quando ele enforca, ele só solta se meio dia do outro dia a coruja assovia. Então professora, a gente não pode ficar de noite zanzando por aí, por causa do macaco da noite. Professora você conhece tracajá?

Professoras: *Já ouvi falar.*

Ana: *Então professora, o tracajá também, se pegar no dedo da gente, só solta quando o trovão estruva¹³.*

O encontro com as narrativas das crianças *ribeirinhasamazônidas* é o movimento de encontro com a novidade, com o *Outro*, com a alteridade envolvida em agenciamentos que potencializam as singularidades e as subjetividades, diferenciadas daquelas que a história contínua, linear, nos acostumou. Segundo Guattari & Rolnik, (1996, p. 31), “a subjetividade não implica uma posse, mas uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o *Outro*”. A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização do indivíduo. As crianças ribeirinhas podem ser compreendidas como o *Outro* no plano social. Nas palavras de Larrosa,

A presença enigmática da infância é a presença de algo radical e irredutivelmente outro, ter-se-á de pensá-la na medida em que sempre nos escapa: na medida em que inquieta o que sabemos (e inquieta a soberba de nossa vontade de saber), na medida em que suspende o que podemos (e a arrogância da nossa vontade de poder) e na medida em que coloca em questão os lugares que construímos para ela (e a presunção da nossa vontade de abarcá-la). Aí esta a vertigem: no como a alteridade da infância nos leva a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder. (LARROSA, 2000, p. 185)

¹³ Expressão utilizada pelas crianças ribeirinhas ao se referirem ao barulho de trovão. Fonte: Diário da pesquisa de campo.

Deste modo, a narrativa de Ana interrompe toda uma cronologia, traz novas expectativas, novos encontros, novos mundos. A narrativa de Ana suspende as certezas que temos e nos coloca à espreita da novidade que está por vir. Assim, concebemos as crianças ribeirinhas como essa novidade não reconhecida, definida, apropriada. Com elas é possível enxergar o invisível que a novidade nos traz. Com elas é possível voltar nossa visão ao que é desprezado, ao que é considerado insignificante pelos discursos oficiais que nos acostumaram a procurar utilidade em tudo sem qualquer assombro. E como nos lembra Barros (2010), é possível montar um baú de insignificâncias, é possível caçar desperdícios. O poeta Manoel de Barros, chama a atenção para o olhar atento e delicado da criança,

O mundo meu é pequeno, Senhor.

Tem um rio e um pouco de árvores.

Nossa casa foi feita de costas para o rio.

Formigas recortam roseiras da avó.

Nos fundos do quintal há um menino e suas latas maravilhosas.

Seu olho exagera o azul.

Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas com aves.

Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os besouros pensam que estão no incêndio.

Quando o rio está começando um peixe,

Ele me coisa

Ele me rã

Ele me árvore

De tarde um velho tocará sua flauta

para inverter os ocasos.

(BARROS, 2010, p. 315)¹⁴

O poeta nos incita a sentir a infância como um reino de possibilidades intenso e cheio de potência. Estimula-nos a ver a infância como um acontecimento que não se deixa ludibriar pelo significado de temporalidade contínua e linear.

Vida de Maria

Um dia, sentadas debaixo do pé de goiaba, observando as crianças saltarem e pularem no rio, nos chamou atenção, uma criança que não estava brincando com os demais. Observando-a, nos aproximamos para conversar um pouco. Conversando com Maria (nove anos) descobrimos que mora numa colocação afastada, como disse: “*Moro na colocação mais longe daqui professora, na divisa*”. Maria tem mais quatro irmãos. No desenrolar da conversa, Maria foi contando histórias de seu dia a dia:

Maria: Professoras, você não sabe o que aconteceu ontem. A gente tava indo pra casa, daí vimos uma onça pintada na “beira” bebendo água. Eu nunca tinha visto não, chega a voadeira¹⁵ tremeu, quase que alaga.

Professoras: Você nunca tinha visto onça aqui?

Maria: Só tinha visto onça preta. Uma vez, eu e minha mãe topamos uma onça preta lá dentro do Juma. Tava só eu e ela. Fomos correndo pra casa. Papai nunca gostou que a gente se embrenhasse no mato porque já levei uma picada muito grande de tucandeira.

Professoras: O que é tucandeira?

Maria: É uma formiga professora, a picada dela deixa a gente na cama com muita febre.

Professoras: O que é Juma?

Maria: É um igarapé. Professora, um dia a gente tava almoçando lá na beira do igarapé, porque é lá que a gente puxa castanha. Quando a gente tava lá, escutamos só o esturro da onça, minha mãe bateu no pau, uma onça preta saiu correndo pelo caminho da castanha.

Professoras: E vocês ficaram com medo?

¹⁴ Barros (2010). Mundo pequeno: Aromas de tomilhos dementam cigarras.

¹⁵ Embarcação fluvial

Maria: Nossa professora, o corpo treme tudo de medo. Não consegue nem correr.

Professoras: E vocês puxam castanha nesse igarapé?

Maria: Sim professora, nosso caminho da castanha fica na beira desse igarapé. Todo mundo lá em casa vai puxar castanha. Nesse igarapé tem duas cachoeiras. Daí, no fim da tarde, quando a gente tá tudo sujo de quebrar castanha, a gente toma banho lá. E a gente pesca no Juma também. Lá tem uns peixe grandão.

Professoras: Qual o nome da colocação que você mora?

Maria: Eu moro na colocação Pirarara. Esse nome é porque lá tem muito peixe Pirarara. O peixe Pirarara é um peixe de couro, muito gostoso, tem uns que são bem grandão. Sempre a gente pesca Pirarara.

Professoras: E o que mais vocês comem na sua casa?

Maria: Papai mata caça do mato. A gente só não come capivara. Porque a carne fede muito. Minha mãe mata capivara só pra pegar os ossos pra fazer remédio para meus irmãos porque eles têm reumatismo.

Professoras: E como é feito esse remédio?

Maria: Pega o osso, queima e coloca de molho na água quente, daí quando tá bom de tomar, papai manda eles tomar senão eles muntuão.

Professoras: Como?

Maria: É professoras, eles ficam sentindo muita dor nas juntas deles, fica tudo muntuadinho no canto.

Professoras: E você não tem reumatismo?

Maria: Eu não, esses dias eu tava com malária. Daí, não tratei em casa, tive que ir no postinho pra pegar remédio, porque a malária mata. A gente só vai na rua quando vai pegar remédio.

Professoras: Você já teve quantas malárias?

Maria: Vixe professoras, aqui todo mundo já teve malária, difícil o ano que a gente não pega essa doença. Eu nem sei quantas malárias eu já tive. Por isso, mamãe não deixa a gente banhá no rio depois das cinco e meia da tarde até noitezinha. Diz que é nesse horário que o mosquito pega a gente. De manhã também, assim que o sol vai nascendo o mosquito da malária ferroa.

A vida de Maria nos mostra os usos que ela faz dos cotidianos que movimenta sua vida. Como nos sinaliza Alves (2009, p. 07), “a criação de conhecimentos e significações nos cotidianos vividos segue caminhos variados e complexos, diferentes daqueles que construímos nas ciências ou nas instituições nas quais a sociedade moderna foi se organizando”. Dessa maneira, os conhecimentos gerados no interior das relações infantis *ribeirinhasamazônicas*, nos levam a questionar a nossa concepção de criança e infância que, se seguirem um caminho já traçado previamente, chegam a um final feliz. Não. O contato com essa realidade nos levou a perceber que suas práticas *socioculturais* quebram uma certa linearidade que o pensamento moderno nos impôs. Viver essa realidade nos tornou outras em relação à ideia de criança e infância. Aquele ideal que o pensamento ocidental traz, de criança como promessa, como futuro, como amanhã é completamente paralisado quando se desvia do olhar de uma cobra para não se encantar por ela....quando se toma remédio feito de osso de capivara para não ficar muntuadinho... quando não se pode banhá no rio das cinco e meia da tarde até de noitezinha.

Considerações

Vivenciar a infância ribeirinha nos instiga a ver a criança numa cartografia onde são traçados caminhos múltiplos para procurar entendê-las e, para tal, é preciso explorar os mais diversos trajetos, desvendar e se deixar afetar pelos diferentes segredos dos mapas que compõem as trilhas infantis, como afirma Deleuze,

[...] os mapas não devem ser compreendidos só em extensão, em relação a um espaço constituído por trajetos. Existem também mapas de intensidade de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto. [...] É essa distribuição de afectos [...] que constitui um mapa de intensidade. É sempre uma constelação afetiva. [...] o mapa das forças ou

intensidades tampouco é uma derivação do corpo, uma extensão de uma imagem prévia, um suplemento ou um depois. [...] Pelo contrário, é o mapa de intensidades que distribui os afectos, cuja ligação e valência constituem a cada vez a imagem do corpo, imagem sempre remanejável ou transformável em função das constelações afetivas que a determinam. (DELEUZE, 1997, p. 73, 76-77).

A partir das narrativas das crianças *ribeirinhasamazônidas*, elas se constituem a si e aos outros a partir das intensidades dos afetos, da produção de sentidos como nos aponta Deleuze e Guattari (1997a, p. 149). Nesse sentido, compreendemos que o devir é sempre ação. Nem começo, meio ou final, é um eterno processo, como nos levam a pensar os filósofos. Portanto, experienciar a “infância” é colocar a criança para criar e criar tem muito a ver com devir-criança de Deleuze e Guattari que tem a ver com a criança ribeirinha que vive intensamente a vida em meio a floresta amazônica, produzindo diferentes sentidos aos modos de viver. Tem a ver com movimentar, encontrar, afetar, viver e expressar, para além do ser ideal do mundo prescrito, o outrem possível.

Outrem surge neste caso como a expressão de um mundo possível. *Outrem é um mundo possível*, tal como existe num rosto que exprime, e se efetua numa linguagem que lhe dá realidade. [...] *Outrem* é sempre percebido como um outro, mas, em seu conceito, ele é a condição de toda percepção, para os outros como para nós. É a condição sob a qual passamos de um mundo a outro (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 26-27, *grifos nosso*).

Nessa perspectiva, talvez seja necessário mudar o ponto de observação e, ao invés de pensar e falar pela criança, possibilitar o encontro com as infâncias que quebram com nossas certezas a cada novo contato. De algum modo, pensar a partir do encontro com as infâncias e suas interações com o mundo, nos impulsiona a pensar sobre a alteridade da criança e o quanto elas nos escapam. Pensar sobre, nos instiga e incita a tratar as infâncias de outra maneira. Assim, podemos pensá-la em um lugar minoritário, ou seja, crianças que tem seu *quintal* maior que o mundo, que se experiencia no cotidiano potencializando suas

vivências no contato com o *espaçotempo* que proporciona enxergar a grandeza no ínfimo, que segue no dia a dia produzindo rizomas, no caso: a infância das crianças *ribeirinhasamazônidas*, que nos mostra a invencionática anunciada por Manoel de Barros.

Referencias

ALVES, Nilda. **Praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. Apresentação da série Cotidianos, imagens e narrativas. *In: Salto para o futuro*. Ano XIX – Nº 8 – Junho/2009.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa** / Manoel de Barros. – Sao Paulo: Leya, 2010.

CERTEAU. Michel de. **A invenção do cotidiano:1**. Artes de fazer. Petrópolis – RJ: Editora vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, v.1, 1995.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed 34, Vol.3, 1996.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed 34, Vol.4, 1997

_____. **O que é filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 2010.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

JOBIM & SOUZA, Solange. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

KOHAN, Walter Omar. Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância. *In: Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste do Rio de Janeiro*. UERJ, maio de 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2000.

MALDONADO, Maritza Maciel Castrillon. **Espaço Pantaneiro**: cenário de subjetivação da criança ribeirinha. (Tese de Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2009.